

# RELAÇÕES ENTRE A ORALIDADE E A ESCRITA COM A LITERATURA CLÁSSICA INFANTIL NA CONSTRUÇÃO DA REALIDADE SOCIAL

*Ana Claudia Perpétuo de Oliveira da Silva*

Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora Auxiliar do Departamento de Ciência da Informação da mesma instituição.  
E-mail: [anacpo72@gmail.com](mailto:anacpo72@gmail.com)

*Daniella Camara Pizarro*

Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora no Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina  
E-mail: [daniellapizarro@hotmail.com](mailto:daniellapizarro@hotmail.com)

*Clarice Fortkamp Caldin*

Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora Associada I no Departamento de Ciência da Informação e no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina.  
E-mail: [clarice.fortkamp.caldin@ufsc.br](mailto:clarice.fortkamp.caldin@ufsc.br)

## RESUMO

Este artigo objetiva refletir sobre possíveis relações entre as sociedades baseadas na oralidade e na escrita com a literatura clássica infantil, mediante alicerces da sociologia do conhecimento, mais especificamente, o construcionismo social. Utiliza como referencial teórico para articular esta reflexão, autores adeptos da corrente fenomenológica da sociologia do conhecimento. Esboça a oralidade e a escrita e as sociedades atreladas a estas realidades, com foco no conhecimento da realidade da vida cotidiana. Elucida a literatura clássica infantil, diferindo-a, nos períodos em que predominaram oralidade e escrita. Traça relações entre a busca do homem pela compreensão e organização das coisas do mundo da vida com esta manifestação cultural que é a literatura clássica infantil, bem como o caráter relacional desta busca. Conclui que é possível a partir destes mecanismos culturais artísticos, reveladores de valores, a busca por conhecimento, interação, ação e inovação.

**Palavras-chave:** Literatura clássica infantil. Construcionismo social. Oralidade. Escrita. Mudanças sociais.

RELATIONS BETWEEN ORALITY AND THE WRITING CHILDREN'S CLASSIC LITERATURE IN THE CONSTRUCTION OF SOCIAL REALITY

## ABSTRACT

This article aims to reflect on possible relationships between societies based on oral and written with childhood classic literature through foundation of sociology of knowledge, more specifically, social constructionism. Used as a theoretical framework to articulate this reflection, supporters of the authors of the current phenomenological sociology of knowledge. Initially outlines on orality and writing and companies linked to these realities, always parallel with the

knowledge of the reality of everyday life. Briefly elucidates on child classical literature, differing to the periods in which predominant orality and literacy. Later, traces relations between man's quest for understanding and organization of worldly things of life with this cultural event is the classic children's literature as well as the relational nature of this search. Concludes that it is possible from these artistic cultural mechanisms, revealing values, the search for knowledge, interaction, action and innovation.

**Keywords:** Children's classic literature. Social constructionism. Orality. Writing. Social changes.

## 1 INTRODUÇÃO

*“Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”  
(Calvino, 1993, p. 11)*

A literatura infantil tem encantado crianças do mundo todo, em todas as épocas, permitindo diversas e variadas interpretações, a cada leitura. “As mil e uma noites”, “Chapeuzinho Vermelho”, “O pequeno polegar”... Dificilmente uma criança ou adulto vai percorrer sua existência sem escutar algumas destas histórias. Ainda podemos freqüentar festas de debutante, por exemplo, em que há um destaque para a história da Cinderela, com seu sapatinho perdido no baile... Isso é um indicativo que tal literatura permanece viva no cotidiano dos indivíduos mesmo nos tempos atuais. Que força possui esta manifestação para ainda estar presente de forma tão marcante no mundo da vida?

Quando e por que os homens começaram a inventar histórias maravilhosas? Alguns já se fizeram esta pergunta, esboçaram respostas, mas, no que se refere às narrativas que deram origem ao que se conhece atualmente como literatura infantil clássica, eis que permanece envolta ainda em certo mistério pois não se conhece vasto relato suas origens e suas motivações. Por ser remanescente da pré-história, ou seja, do período que antecede à escrita, o que se conhece são fragmentos que o homem ao longo dos tempos, de diversas formas, conseguiu registrar. Junta daqui, junta dali, como nuns quebra cabeças, diante da inquietude humana em conhecer o desconhecido, faz-se possível contemplar algo sobre estas questões, ainda que parcialmente, com algumas peças faltantes. Entretanto, a verdadeira origem das narrativas maravilhosas “perde-se na poeira dos tempos”, conforme afirma Coelho (1991b, p. 16).

Ademais, quando se fala em literatura infantil clássica, não se pode deixar de mencionar o legado das fontes orientais, mais tarde adaptados pelo ocidente, cujas histórias também nunca terminaram de dizer o que tinham a dizer. Lembra Machado (2003, p. 7) que “os dicionários nos ensinam que o adjetivo ‘clássico’ se refere à arte, à literatura ou à cultura dos antigos gregos e romanos, ou o que segue seus padrões.”

Segundo Coelho (1991b, p. 12, grifo da autora),

Quando hoje falamos nos livros consagrados como *clássicos infantis*, os contos de fadas ou contos maravilhosos de Perrault, Grimm ou Andersen, ou as fábulas de La Fontaine, praticamente esquecemos (ou ignoramos) que esses nomes *não correspondem aos dos verdadeiros autores* de tais narrativas. São eles alguns dos escritores que, desde o século XVII, interessados na literatura folclórica criada pelo povo de seus respectivos países, reuniram as estórias anônimas, que há séculos vinham sendo transmitidas, oralmente, de geração para geração, e as transcreveram por escrito.

Assim como os mitos e lendas da Grécia e Roma, os contos da Índia, divulgados por volta do século V a. C. convivem no imaginário infantil.

A literatura clássica infantil, perpassando pelas sociedades baseadas na oralidade e escrita, se configura neste artigo relacionada com o processo de construção do conhecimento na realidade da vida cotidiana. Essas concepções estão sustentadas pelas teorias do construcionismo social e ancoradas na perspectiva epistemológica da fenomenologia uma vez que se busca a compreensão dos fenômenos no mundo das relações vividas.

O texto objetiva refletir sobre possíveis relações entre as sociedades baseadas na oralidade e na escrita com a literatura que compreende os contos de fadas e contos maravilhosos, a conhecida literatura clássica infantil, mediante alicerce do construcionismo social uma vez que ele proporciona o entendimento da dinâmica da sociedade, contemplando as interações humanas e o processo de construção da realidade. Para compreender essa realidade, parte-se do pressuposto que todo “[...] conhecimento humano desenvolve-se, transmite-se e mantém-se em situações sociais” (BERGER; LUCKMANN, 2007, p.14). Neste intento, utiliza-se de referencial teórico coerente com esta busca, com base em autores adeptos da corrente fenomenológica da sociologia do conhecimento.

Inicialmente, ensaia sobre a oralidade e a escrita e as sociedades atreladas a estas realidades, sempre em paralelo ao conhecimento da realidade da vida cotidiana. Elucida

a literatura clássica infantil refletindo sobre seus períodos e a predominância da oralidade e/ou da escrita. Posteriormente, traça relações entre o construcionismo social e esta manifestação cultural - literatura clássica infantil - destacando a busca do homem por conhecimento e sua condição relacional no mundo da vida.

Conclui que mediante este mecanismo cultural pode-se buscar reflexões pertinentes, já que são demonstradores de valores (que são criados pelos indivíduos) e propicia, a partir destes conhecimentos, interação, ação, inovação.

## **2 CONSIDERAÇÕES SOBRE ORALIDADE, ESCRITA E O CONHECIMENTO NA REALIDADE DA VIDA COTIDIANA**

*“A palavra dos homens é o material mais duradouro. Se um poeta deu corpo a sua sensação passageira com palavras mais apropriadas, aquela sensação vive através de séculos nessas palavras e é despertada novamente em cada leitor receptivo.”*  
(SCHOPENHAUER, 2013, p. 145)

Inicialmente, deve-se destacar que a escrita como prática da vida cotidiana inaugurou não somente outra fase da história, mas a própria história - também, outra sociedade. Assim, conseqüentemente, inaugurou um outro homem através da composição de uma nova técnica de registro dos acontecimentos. Se partirmos do pensamento de Nietzsche (2012) para quem a consciência é o que por último se desenvolve no orgânico, o mais inacabado e menos forte, poderemos fazer suposições sobre sua flexibilidade.

A seu turno, Flusser (2010, p. 31) destaca que uma questão de técnica nunca é somente uma questão técnica, implicando em uma complexidade na relação entre a técnica e quem a utiliza - “uma consciência em processo de transformação clama por técnicas inovadoras, e uma técnica inovadora transforma a consciência.”

Na direção do pressuposto elaborado anteriormente, tanto a oralidade (como ato mnemônico) como a escrita são instrumentos de transmissão de conhecimento que podem ser descritos como técnicas utilizadas em diferentes sociedades, e, desta forma, impactaram a vida dos homens que viveram nestas sociedades.

Antes da escrita, a vivência era alicerçada na oralidade, as sociedades eram não históricas, ou pré-históricas, tinham como referência os mitos. A transmissão oral era a base da conservação dos conhecimentos adquiridos através da experiência humana,

bem como de suas ideias e crenças. Crippa (2010) enfatiza que neste tipo de sociedade a memória se configura como lembrança atemporal e que somente em sociedades em que existe a possibilidade de escrita, como registro cronológico e documentário, se tem a opção pela história.

O ato mnemônico é um comportamento narrativo que propiciou a transmissão da informação mas a passagem da oralidade para a escrita significou a limitação dos danos causados pela morte (já que não mais dependia exclusivamente dos portadores da informação) e também possibilitou um aumento no estoque informacional da memória individual para outras memórias. Importante destacar contudo que, antes de ser oral ou escrita, a linguagem existe mediante o estoque de informação na memória (CRIPPA, 2010).

Nessa direção, ainda, necessário se faz mencionar John Locke. Este pensador, empirista, ao escrever sobre o conhecimento humano, em meados do século XVII, trouxe outra visão, diferente da que vigorava em sua época (como o pensamento dos racionalistas, tais como René Descartes, Bento de Espinosa e Gottfried Leibniz), um entendimento que impactou a forma como a ciência compreendia o processo de conhecimento humano e como percebemos isso atualmente.

Acreditava-se (na esteira das ideias de Platão) que existiam princípios inatos na mente, recebidos pela alma em seu ser primordial. Locke (2000) em seu “Ensaio sobre o entendimento humano” descartava tal ideia, afirmando que o conhecimento das coisas nos chegam pelos sentidos.

Em outras palavras: o conhecimento é adquirido pela experiência sensorial direta. Dessa feita, pode-se dizer que Locke deu prosseguimento às ideias de Aristóteles (que confiava nos sentidos) e na sua teoria do conhecimento (baseada na experiência do que vivemos).

Posteriormente, George Berkeley e David Hume alicerçaram a concepção de que “todo conhecimento humano deve vir direta ou indiretamente da experiência de mundo adquirida por meio exclusivo dos sentidos”; para Berkeley, cujo empirismo era extremo, “o mundo só existe na medida em que é percebido”; a seu turno Hume advogava que é a “crença (definida como ‘uma ideia vivida relacionada ou associada com a impressão presente’) guiada pelo hábito, que está no cerne de nossas pretensões ao conhecimento, e não a razão”(O LIVRO da Filosofia, 2011, p. 130, 150, 153).

No final do século XIX, o pensamento positivista começa a ser questionado, bem como os objetos e alcances da ciência também: desde sua validade universal e o sentido de sua objetividade. Outras questões surgiam: “O que dizer do sujeito concreto, em sua vida psíquica imediata e em seu engajamento histórico, que o pensamento objetivo não consegue explicar?” (DARTIGUES, 2008, p.15).

Nesse sentido, Husserl trabalha a concepção da fenomenologia considerando os dados da experiência humana na sua totalidade e entendendo que os fenômenos nos são percebidos por intermédio dos sentidos: todo fenômeno carrega em si uma essência, uma intuição e provoca impressões à medida que é vivenciado. (DARTIGUES, 2008).

Na esteira epistemológica da fenomenologia, no século XX, Flusser (2007, p. 47) enfatiza que o intelecto é um elo imprescindível entre dados e cérebro e os sentidos são os fornecedores destes dados. A partir do momento em que estes dados nos impactam através dos sentidos surge a necessidade de compreensão deste mundo, de ordenar as coisas para evitar o caos, buscando uma organização, um cosmos. (FLUSSER, 2007).

Os sentidos fornecem ao intelecto palavras organizadas em frases e pensamentos. A partir do vai e vem dá língua que se dá a conversação e assim, a possibilidade de transformar o caos em cosmos. “O intelecto em conversação, conserva e aumenta o território da realidade. Realizando-se, realiza”. (FLUSSER, 2007, p.61).

A língua para Flusser (2007) é a essência da sociedade. Traçando um elo entre Flusser (2007) e Berger e Luckmann pode-se considerar que é através da conversação da conversação que se dá o processo de objetivação e subjetivação do conhecimento que constrói a realidade social.

A linguagem é, conforme Berger e Luckmann (2007), o mais importante instrumento de socialização, pela qual se percebe a realidade objetiva (o “real”captado de fora) e pode ser “traduzido” para a realidade subjetiva (o “real”captado internamente) – essa é uma base sólida para a compreensão do construcionismo social trabalhado por estes dois autores.

Na relação dos sentidos com a compreensão das coisas e a linguagem, Flusser (2007) acredita que estes fornecem ao intelecto palavras organizadas em frases e que o intelecto se forma aprendendo palavras. Na socialização primária, os sentidos captam palavras pronunciadas pela mãe, pelo ambiente “humano”, que envolvem o recém-nascido contra o caos. A criança reage a essas palavras fisiologicamente e

intelectualmente, ela as apreende. O autor destaca que a apreensão de palavras se constitui como a formação do intelecto.

Podemos concluir, assim, que a oralidade (bem como a expressão das emoções), como expressão da linguagem, possui importante papel no início do processo de conhecimento humano, já que a “leitura” que fazemos quando nos damos conta que constituímos parte do um mundo da vida, fazemos, inicialmente, sem a presença da escrita.

Relevante destacar neste artigo a pertinência do termo “mundo da vida”, que enfatiza as concepções abordadas. Este termo é trabalhado por Schtuz (2012), como um mundo intersubjetivo, já dado antes de nosso nascimento, anteriormente experimentado e interpretado por antecessores, como forma de organização deste mundo.

Berger e Luckmann (2007) destacam que antes do indivíduo entrar em cena, a realidade da vida cotidiana é uma realidade que se lhe apresenta ordenada e objetivada. É mediante a interação social que o homem afirma o sentido da realidade e a linguagem é a responsável por dar sentido e significação a esta realidade para o indivíduo. A linguagem é o mais importante sistema de sinais da sociedade humana, pode ter efeito coercitivo sobre os indivíduos e estabelecedor de padrões.

De fato, a linguagem tem a característica de tipificar e classificar as experiências, agrupando-as em amplas categorias, que fazem sentido para os semelhantes. Através da capacidade de transcender o momento presente, a linguagem estabelece pontes e relaciona as diversas zonas temporais da realidade da vida cotidiana, integrando-as e lhes conferindo sentido. A transcendência de dimensões espaciais, temporais e sociais permitida pela linguagem, pode tornar presente objetos que estão distantes nestas dimensões, proporcionando uma vasta acumulação de experiências e significações no ‘aqui e agora’. A linguagem pode se tornar fonte objetiva de significados e experiências, preservadora do tempo e transmissora para as gerações seguintes (BERGER; LUCKMANN, 2007).

Mas de tudo isso que foi exposto, consolida-se a questão da linguagem, seja oral ou escrita, como forma de expressão do homem, como mecanismo de compreensão e organização das coisas no mundo da vida. Por que o homem se expressa desta forma, no afã de registrar o que pensa, o que descobre?

Flusser (2010), posiciona-se em direção à escrita declarando que não poderia viver sem escrever por acreditar que a partir deste gesto pode expressar sua existência.

Nietzsche (2012) a descreve como necessidade imperiosa, como maneira de se livrar dos pensamentos. Hess (2005) declara em “Produzir sua obra: o momento da tese” que, a iniciativa de escrevê-la é uma oportunidade de fazer reflexões sobre momentos de sua vivência como orientador. Eco (2009, p. 86) em publicação que divulgou as cartas que trocava com o Cardeal Carlo Maria Martini sobre suas crenças, em determinado momento, declara que o que leva um filósofo a filosofar ou um escritor a escrever é deixar uma “mensagem na garrafa” para os outros que virão sobre o que acreditou ou sobre o que julgou ser belo para que eles possam também acreditar ou achar beleza nessa mensagem.

Sendo assim, a escrita perpetua e eterniza mensagens que estariam disponíveis na oralidade. Através do ato de escrever, os autores querem levar adiante seus pensamentos. A escrita carrega nela experiência, sentimentos, visões de mundo. Carrega um repertório de conhecimento dotado de valores que podem direcionar até mesmo modos de ação e condutas sociais.

Conforme Marques (1998), relações transformadas entre a oralidade e a escrita fazem desta última algo para além da codificação da linguagem oral passa a ser um “novo espaço de reconstrução social da realidade, das personalidades e da cultura, em que a educação assume nova relevância enquanto provocação de aprendizagens significativas. Mas a significância só é dada no diálogo com o Outro.” (MARQUES, 1998, p. 69).

Incontestavelmente, a linguagem, seja de cunho oral ou escrita, configurou-se ou configura-se não somente como um mecanismo de organização e compreensão das coisas mas, igualmente, como um mecanismo relacional.

A literatura clássica infantil, enquanto mensagem oral ou escrita, ao longo dos tempos, também se apresenta como mecanismo de organização e compreensão da realidade, na necessidade de relação com o outro e da compreensão do mundo da vida no qual a criança está se apercebendo, se socializando e se desenvolvendo.

### **3 A LITERATURA CLÁSSICA INFANTIL: REGISTRO ATRAVÉS DA ORALIDADE E DA ESCRITA**

*“Anteriormente nada se sabia do caráter mutável de tudo o que é humano, os costumes da moralidade mantinham a crença de que toda a vida interior do homem se achava presa com grampos eternos à necessidade férrea: talvez se experimentasse uma*

*semelhante volúpia do assombro, ao escutar lendas e contos de fadas. O maravilhoso fazia muito bem àqueles homens, que as vezes podiam cansar-se da regra e da eternidade. Deixar de sentir uma vez o chão sob os pés! Flutuar! Errar! Ser tolo!” (NIETZSCHE, 2012, p. 84)*

Quando vamos contar uma história para crianças, principalmente para as crianças ocidentais, há grande possibilidade de que ela esteja ligada ao vasto repertório relativo à literatura primordial. Estas narrativas, atualmente chamadas de literatura clássica infantil, primeiro são apreendidas por nós oralmente (por ainda não deciframos os códigos do alfabeto), mas posteriormente teremos acesso a elas mediante a escrita.

Uma grande parte de nós apreendeu e interiorizou estas histórias e elas permanecem fazendo parte do nosso cotidiano. Importante destacar o que se configura para este artigo como literatura clássica infantil. Tomando por base Coelho (1991a, 1991b), tal literatura é composta pelos contos de fadas ou contos maravilhosos que, por pertencer ao mundo do maravilhoso acabaram sendo identificadas como iguais, entretanto, surgiram de fontes distintas, exprimindo problemáticas diferenciadas.

Os contos de fadas são narrativas de origem celta, surgiram como poemas (amores estranhos, fatais, eternos) e foram posteriormente integrados no ciclo novelesco arturiano, “essencialmente *idealista* e preocupado com *os valores eternos* do ser humano: os de seu espírito.” (COELHO, 1991a, p. 13-14, grifo da autora).

Ainda segundo Coelho (1991a), com ou sem fadas, desenvolvem argumentos envolvendo reis, rainhas, príncipes, princesas, fadas, bruxas, gigantes, anões, objetos mágicos, metamorfoses, tempo e espaço fora da realidade conhecida – tendo como eixo gerador uma problemática existencial voltada à realização essencial do herói ou heroína (normalmente ligada à união homem-mulher).

Nos contos de fadas, fica separadamente nítida a intenção de seus personagens, seja ela má ou boa. A tendência é que haja uma idealização dos personagens principais na qual suas condutas consistem em modelos de ações aprovadas ou desaprovadas no contexto social onde a história é transmitida.

O dilema existencial nos contos de fadas, segundo explica Bettelheim (2011), é colocado de forma breve e incisiva, onde as situações são simplificadas: o mal é tão onipresente quanto a virtude e seus personagens não são ambivalentes (como na realidade): quem é mal é mal e quem é bom é bom.

Outra característica desses contos concentra-se na expressão dos obstáculos ou provas a serem superados, como um ritual de iniciação para que o herói alcance auto-realização existencial (no encontro com seu eu ou da princesa – como ideal a ser alcançado). (COELHO, 1991a).

Já os contos maravilhosos têm origem nas narrativas orientais que enfatizam a parte material/sensorial/ética do humano, questões de necessidade básica (fome, sexo, poder) e paixões do corpo. Sem fadas, constituem narrativas em um cotidiano mágico, com animais falantes, objetos mágicos, familiares, gênios, duendes onde o tempo e espaço são reconhecíveis.

O eixo gerador dos contos maravilhosos envolve a problemática social e trata do desejo de auto-realização em âmbito sócio-econômico. Têm geralmente como ponto de partida das aventuras a miséria ou necessidade de sobrevivência de seus personagens. (COELHO, 1991a).

Embora os contos de fadas e os contos maravilhosos sejam literatura popular ambas têm diferentes problemáticas, conforme abordado acima, que podem ser explicadas pelas suas diferentes origens: ocidentais ou orientais. De qualquer modo, essas histórias, independentemente de suas origens, essas histórias ainda permanecem vivas no imaginário popular.

Diversos pesquisadores das áreas de Filologia, Lingüística, Folclore, Etnologia, Antropologia, História, Literatura, Pedagogia, entre outros, buscaram e buscam, através de pesquisas, elucidar a origem e os caminhos desta literatura popular que, através dos tempos, perpassando a oralidade e a escrita, chegou até nós. Foram as primeiras formas de escrita que propiciaram nosso acesso a palavras ditas há milênios e que ainda possuem eco (COELHO, 1991b). Atualmente tal literatura ainda encontra espaço na realidade da vida cotidiana.

Nesse sentido, Coelho (1991b) destaca que, desde que os estudos sobre a literatura folclórica e popular das nações foram refletidas cientificamente, a partir do século XIX, quando estudiosos tentam desvendar as raízes desta manifestação anônima e coletiva, que permanecia “viva entre o povo e testemunhava, não só com valores mais originais da língua por ele falada, como também sua maneira mais verdadeira de *ver e sentir a vida*”.

Segundo Coelho (1991a), a difusão no ocidente europeu do que conhecemos atualmente como literatura clássica infantil se deu no período medieval mediante a

tradição oral. Entretanto, convém observar que o narrar artístico do homem nasceu da necessidade de procurar uma explicação para o desconhecido que se manifestava ao seu redor.

Na Antiguidade, sem a presença da escrita, as lembranças eram conservadas através da tradição oral e sujeitas à falha da memória - entretanto, mais entregues à imaginação para supressão desta falha. A memória sustentava o homem nas suas necessidades mais urgentes do homem: a de explicar a si mesmo, o mundo e os fenômenos que o espantavam. Para transmitir tal experiência sobre o que se conhecia às gerações vindouras, nasce a narração criadora, através dos mitos e lendas, corporificando o universo e suas forças poderosas, animadas, endeusadas, atuando com vontades semelhantes às necessidades do homem primitivo. (GÓES, 1984).

Além do espanto diante das forças da natureza também buscaram traduzir a aspiração dos trabalhadores em abrandar suas tarefas, aumentar sua capacidade de produção, preparar-se contra os inimigos, entre outras condições. No contexto de transmissão oral, pode-se afirmar que da palavra viva e animada surgiu o mito, e deste nasceu o conto. (GÓES, 1984).

Dessa forma, pode-se considerar que a literatura clássica infantil tem seu início em sociedades que transmitiam o saber através da oralidade, de base econômica agrícola que precisava, como descreve Flusser (2011), manipular pacientemente a natureza animada. Uma sociedade, portanto, como já descrito, baseada no mito.

Através do resgate dos textos primitivos, das narrativas mais antigas, é possível notar igualmente a descrição de valores inerentes a tal sociedade. Coelho (1991b) destaca que estes valores ficam mais evidentes quando comparados aos sistemas de educação dos povos antigos de onde originaram os textos (persas, árabes, hindus...): a educação para a guerra, de natureza aristocrática e de cunho conservadora e estática (garantindo a manutenção dos valores em vigor).

Ainda, a mesma autora destaca que o processo de incorporação do indivíduo ao grupo exigia que abrisse mão de sua individualidade. Entretanto, a violência, um valor cultivado com naturalidade por estes povos vai sendo objeto de reflexão à medida que as sociedades começam a se humanizar e isso tem forte reflexo na literatura clássica infantil.

Diante do exposto, percebe-se que a literatura clássica infantil, como expressão artística, possível de acessar em virtude da transmissão oral e posterior registro escrito,

nos mostra, de um determinado ponto de vista, sobre nós mesmos e como lidamos com esses instrumentos ao longo dos tempos.

Para finalizar, lembra-se que tal literatura é anterior aos nomes ilustres dos que as transcreveram e as popularizaram através da escrita, a qual tem como representantes reconhecidos pela literatura mundial, Charles Perrault, os irmãos Grimm e Hans Crithian Andersen.

#### **4 RELAÇÕES ENTRE A CONSTRUÇÃO DA REALIDADE SOCIAL E A LITERATURA CLÁSSICA INFANTIL**

*“Os significados institucionais devem ser impressos poderosa e inesquecivelmente na consciência do indivíduo. [...] deve também haver procedimentos mediante os quais estes significados possam ser reimpressos e rememorados”.*

(BERGER; LUCKMANN, 2007, p.98)

Se alguém nos dá uma coisa (no caso, uma fruta) que nunca vimos ou experimentamos e nos diz: “isso é para comer” - só esta informação não irá nos satisfazer diante da iguaria desconhecida. De certo, iremos (antes ou depois de degustá-la) perguntar (uns perguntam mais, outros menos) sobre seu nome, sua procedência, onde se compra, como este interlocutor foi apresentado a tal fruta, qual seu valor de mercado e outros possíveis questionamentos que irão dar conta de esclarecer ao máximo questões relacionadas àquele objeto, ou seja, colocá-lo num cosmos ordenado.

As informações deste texto, até então, denunciam, de certa forma, uma característica do humano que se coloca no contexto do construcionismo social: a problemática em conviver com o desconhecido. Neste sentido, o homem busca explicações para o que acontece no mundo da vida, no seu dia-a-dia. Mas o ficcional fornece subsídios para o enfrentamento do desconhecido, pois as personagens vivenciam situações que se aproximam da realidade da vida cotidiana.

A esse respeito Coelho (1991a, p. 10-11, grifo da autora) destaca o fascínio que a literatura exerce sobre o homem ao longo dos tempos e a coloca como “uma das expressões mais significativas dessa *ânsia permanente de saber* e de domínio sobre a vida”. No caso da literatura clássica infantil, esta afirmativa também se aplica.

Em grande parte desses relatos orientais primitivos a ação se passa fora dos limites do mundo conhecido, o que mostra que, desde as origens, a palavra que se perpetuou de geração a geração ou de povos para povos, procurava dizer algo que explicasse não só a existência concreta do dia-a-dia... mas também a que ficava para além dos limites conhecidos e compreensíveis.(COELHO, 1991a, p. 15).

Já os contos de fadas, no mundo ocidental, destaca-se também, a verossimilhança das situações ficcionais dos contos de fadas com as reais da existência humana: necessidade de poder, de ascensão social, de comida, o medo, a inveja, entre outras. Nessa linha, lembra-se do conto *Pele de Asno*, o qual tem origem na tradição oral e foi registrado por Charles Perrault.

No referido conto, a problemática central volta-se a necessidade de um herdeiro para o trono do rei visto que o mesmo só tinha uma filha com uma linda rainha que viera a falecer. Na ocasião de seu falecimento, o rei jurou a rainha que só se casaria de novo se encontrasse uma princesa mais bela e virtuosa que a rainha. Dessa forma, a literatura clássica infantil cumpre sua função social reforçando valores vigentes em determinada sociedade e época, bem como a conduta adequada.

No contexto atual estamos envoltos em uma dinâmica social e econômica, fruto de um processo de descobertas inovadoras, em que as tecnologias (entre elas, a forma de registro das coisas) foram se superando e o homem em sociedade foi moldando uma configuração social baseada essencialmente no fluxo da informação. Desta forma, a crença no sobrenatural e no divino foi, ao longo dos tempos, sendo substituída pelo pensamento mais antropocentrista e baseado na concretude oferecida pela ciência. Entretanto, conforme Coelho (1991b) a linguagem literária ainda hoje configura-se como o registro da tendência humana de explicação do real (nem sempre explicável) mediante símbolos, mitos ou metáforas que o transfiguram e os mostram em sua verdade intuída<sup>1</sup>, nem sempre possível de ser dita pela linguagem comum.”

O indivíduo nascido em determinada sociedade se ampara em um acervo social de conhecimento para entender, situar-se e construir sua realidade. Tal acervo tem como base um reservatório histórico de sentido que norteia de forma consciente as experiências e ações dos indivíduos. Por sentido, entende-se a consciência da existência de uma relação entre as experiências sejam elas individuais, coletivas, atuais e/ou relacionadas com vivências remotas; de modo que são subjetivadas, intersubjetivadas e objetivadas culminando em determinados modos de agir, máximas comportamentais e

legitimação moral que compõem o acervo social do conhecimento. (BERGER; LUCKMANN, 2012).

É possível afirmar, então, que os indivíduos são produtores e consumidores de sentido e que suas vivências estão constantemente relacionadas com o sistema de valores do reservatório histórico de sentido de sua sociedade, seja modificando-o, ampliando-o ou mesmo negando-o. Da mesma forma, acontece com a literatura infantil clássica ao longo dos tempos uma vez que suas histórias vão se adequando ao contexto social de cada época.

Carece-se considerar as estruturas de significância da vida humana e suas formações de sentido no processo social e na construção da realidade. A interação do indivíduo com seu meio ambiente natural e social fez com se desenvolvesse o sentido de determinadas ações e soluções comuns aos problemas cotidianos, a exemplo dos instrumentos, construções, sinais e principalmente, das formas comunicativas de linguagem. (BERGER; LUCKMANN, 2012).

A comunicação do acervo social de conhecimento de determinada sociedade se dá através da linguagem, em sua forma oral ou escrita, e feita frequentemente através de instituições<sup>2</sup> que consistem em relações sociais dominantes uma vez que fazem pressão para que o conhecimento legitimado por elas seja acatado, bem como o sistema de valores do sentido implícito nesse conhecimento modele ações e comportamentos.

Coelho (1991b, p. 13) afirma que o impulso de contar histórias deve ter nascido no homem no momento em que ele sentiu a necessidade de comunicar aos outros certa experiência sua, que poderia ter significação para todos.

Fabri (2007, p. 35) utilizando conceitos trabalhados por Husserl sobre cultura<sup>3</sup> no contexto fenomenológico destaca que o que foi

criado culturalmente pode desligar-se de seu próprio criador, pois a cultura se manifesta na realidade física e corporal de uma existência histórica. É por esse motivo que uma certa geração pode compreender [...] e reativar (recriar) os dados culturais (sentido espiritual) produzidos pela geração passada.

Neste ponto, além do mecanismo de compreensão e organização das coisas, pode-se resgatar a ideia colocada anteriormente sobre o caráter relacional deste esforço, seja na tradição oral ou escrita, de transmissão dos valores e ideias carregados por estas narrativas.

No conteúdo destas narrativas maravilhosas, sejam orais, sejam escritas, aparecem valores próprios de cada sociedade, retratados mediante estas manifestações culturais. Sánchez Vázquez (2003) destaca que a concepção da natureza dos valores permite perceber intrínsecos um subjetivismo e um objetivismo axiológicos. Quando subjetivo, o valor depende do sujeito, é conferido por ele, ao objeto. Quando objetivo, o valor está nas propriedades do objeto, independente do sujeito, sejam naturais ou criadas pelo homem.

O valor de um ato ou produto humano que é atribuído pelo homem no decorrer da sua vida cotidiana, dá-se em seu processo histórico e social. Eventualmente, pode estar em acordo com os valores dados por outros homens, mas também pode gerar divergências porque as questões como estas, de ordem da ética e da moral, são questões que necessariamente envolvem os homens em suas relações.

Cassirer (1982, apud FABRI, 2007, p. 92) destaca que “através das criações culturais, o eu tem acesso aos outros.” De fato, a realidade da vida cotidiana nos é apresentada como um mundo intersubjetivo, que partilho com outros. Não existo nela sem estar em interação e comunicação e isso não se limita aos conhecidos e contemporâneos, mas inclui os predecessores e sucessores. (BERGER; LUCKMANN, 2007).

É através dos manuscritos ou das narrativas orais levadas por distâncias incríveis, de um povo a outro, que a invenção literária vai sendo comunicada, difundida, alterada... Como exemplo, a coletânea mais antiga Calila e Dimna protagonizados por dois chacais (surgida na Índia, por volta do século V a.C. e que aparecem na obra do grego Esopo, no século VI a.C.), que foi considerada um verdadeiro tratado de política e com exemplo de “boa conduta” para se viver bem. (COELHO, 1991b). O material impresso, que bebeu da fonte oral, que também mostrou exemplos de conduta. Recordase o “Livro Dos Exemplos”, escrito na Espanha por Clemente Sanchez, traz trezentos contos de caráter moralista e doutrinal. E ainda, as novelas de cavalaria cujo amor cortês e ideais espiritualizantes são passados aos leitores revelando valores e comportamentos vigentes para a época.

Percebe-se que reflexões a respeito deste rico registro cultural deixado por antepassados não se restringe às questões de interesse pedagógico ou mesmo, relacionadas ao mundo da criança. Elas falam a todo ser humano, contam um pouco sobre como fomos, como somos e sobre as escolhas que fizemos até aqui.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Literatura é arte e, como tal, as relações de aprendizagem e vivência, que se estabelecem entre ela e o indivíduo, são fundamentais para que este alcance sua formação integral (sua consciência do eu + o outro + mundo, em harmonia dinâmica) em relação a essa formação, pode-se afirmar que a literatura é a mais importante das artes, pois sua matéria é a palavra (o pensamento, as ideias, a imaginação), exatamente aquilo que distingue ou define a especificidade do humano.  
(COELHO, 2000, p.10)*

No afã da descoberta da realidade, pode-se afirmar que se avança da “aparência” das coisas para a “realidade” das coisas, uma herança dos gregos, que buscaram vislumbrar para além das aparências, aquilo que nelas transparece, o compreensível que equivale ao desvendar da verdade. Filosofia, religião, ciência e arte são métodos utilizados pelo espírito para avançar para além da aparência em busca da realidade, da verdade (FLUSSER, 2007).

Esta concepção de Flusser bem se aplica à primeira ideia colocada no texto, de compreensão e busca do homem pelo desconhecido, e como se utiliza da arte, por exemplo, para isso.

A literatura clássica infantil se mostrou como parte do mundo da vida que partilhamos com outros subjetivamente e objetivamente, no contexto do construcionismo social. Um mecanismo cultural que (longe de ser direcionado somente às crianças), como tantos outros originários da criação humana, manifesta-se para compreender e organizar o desconhecido num cosmos ordenado em uma dinâmica relacional com os que partilham o mundo da vida.

Nesta perspectiva, se revela como instituição, à medida que transmite conhecimentos e participa da construção da realidade, portando sentidos e amalgamando valores vigentes e desejáveis em cada época. Nesse sentido, vale destacar Fabri (2007) ao mencionar que o indivíduo que consegue “destacar-se” do seu mundo cultural em uma atitude metódica ou ética – possui condições de abandonar a existência preguiçosa, respondendo, agindo.

Pode-se, então, buscar reflexões no sentido de que a literatura clássica infantil revela ser um importantíssimo mecanismo cultural artístico uma vez que reflete valores (que são criados pelos indivíduos) e confere sentido para nortear a vivência humana. E ainda, nos propicia conhecimentos para construirmos socialmente nossa realidade a partir da interação, ação e inovação.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Modernismo, pluralidade e crise de sentido**. Petrópolis: Vozes, 2012.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 21. ed. rev. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

CALVINO, Ítalo. **Porque ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991a.

\_\_\_\_\_. **Literatura infantil: teoria, análise e didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

\_\_\_\_\_. **Panorama histórico da literatura infantil e juvenil: das origens indo-européias ao Brasil Contemporâneo**. 4. ed. rev. São Paulo: Ática, 1991b.

CRIPPA, Giulia. Memória: geografias culturais entre história e ciência da informação. In: MURGUIA, Eduardo Ismael (Org). **Memória: um lugar de diálogo para arquivos, bibliotecas e museus**. São Carlos, SP: Compacta, 2010. p. 79-110.

ECO, Umberto. Quando o outro entra em cena, nasce a ética. In: ECO, Umberto, MARTINI, Carlo Maria. **Em que crêem os que não crêem**. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2009. p 79-90.

FABRI, Marcelo. **Fenomenologia e cultura: Husserl, Lévinas e a motivação ética do pensar**. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.

FLUSSER, Vítém. **A escrita: há futuro para a escrita?** São Paulo: Annablume, 2010.

\_\_\_\_\_. **Língua e realidade**. São Paulo: Annablume, 2007.

\_\_\_\_\_. **Pós-história: vinte instantâneos e um modo de usar**. São Paulo: Annablume, 2011.

GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Pioneira, 1984.

GRITTI, Delmino. **Sobre o livro e o escrever**. Caxias do Sul: Maneco, 2002.

HESS, Remi. **Produzir sua obra**: o momento da tese. Brasília: Liber Livro, 2005.

LOCKE, John. **Ensaio acerca do entendimento humano**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

MACHADO, Ana Maria. Clássicos de sempre e para sempre. In: \_\_\_. (Org.). **Clássicos de verdade: mitos e lendas grego-romanos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003. (Coleção Literatura em minha casa, 4).

MARQUES, Mário Osório. **Escrever é preciso**: o princípio da pesquisa. 2. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012.

O LIVRO da filosofia. São Paulo: Globo, 2011.

SÁNCHEZ VÁSQUEZ, Adolfo. **Ética**. 24. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de escrever**. Porto Alegre: L&PM, 2013.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à fenomenologia**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

## Notas:

<sup>1</sup> Importante destacar o conceito de intuição no contexto fenomenológico, coerente com o construcionismo social, como alguma coisa que não é mística ou mágica, mas a condição de ter uma coisa presente, em oposição a tê-la intencionada em sua ausência (SOKOLOWSKI, 2012). Como exemplo, “imagine que você vai visitar [...] *Ginevra de Benci* de Leonardo da Vinci na National Gallery of Art. No caminho para a galeria falaremos a você sobre a pintura: tudo isto é feito em intenções vazias, ainda sua intenções vazias sejam diferentes das nossas. Você nunca viu a pintura, enquanto nós a vimos, entretanto estamos todos na ausência daquilo sobre o que falamos. Então, caminhamos até a pintura e continuamos debatendo sobre ela, com nossas intenções agora cheias. A pintura está presente para nós; nós a intuimos. Ao deixarmos a pintura, ela estará ausente novamente e estaremos de volta às intenções vazias.”(SOKOLOWSKI, 2012, p. 43).

<sup>2</sup> Nesse contexto, uma instituição social a ser considerada para fins deste ensaio é a literatura, mais especificamente a literatura infantil. Sendo ela, um produto cultural e caracterizada por sua estrutura comunicativa, seja oral ou escrita, tem sua função social na transmissão de conhecimentos e construção da realidade, à medida que carrega sentidos e sedimenta comportamentos desejáveis e valores sociais vigentes.

<sup>3</sup> Cultura: “conjunto das ações e operações postas em ato por homens unidos na sua contínua atividade. Tais operações existem e perduram espiritualmente na unidade da consciência da comunidade e da sua tradição mantida sempre viva” (HUSSERL, 1999 apud FABRI, 2007, p. 35)

Recebido em: 01 de julho de 2014  
Aceito em: 15 de setembro de 2017